



Rosa Freire d'Aguiar

POR ANTÔNIO CORRÊA DE LACERDA, CARLOS MEDEIROS, CARMEM FEIJÓ
E TÂNIA BACELAR

Com muita satisfação entrevistamos, para o número comemorativo do centenário de nascimento de Celso Furtado, a jornalista e tradutora Rosa Freire d'Aguiar. Rosa, viúva e herdeira testamentária de Celso Furtado, também é a responsável por dar corpo editorial e revisão acurada às obras lançadas por Furtado desde os anos 1970.

Graças ao esforço e dedicação de Rosa em manter viva a memória de Celso Furtado, a comunidade acadêmica passou a ter acesso ao seu valioso acervo, o que muito beneficia a pesquisa acadêmica em questões de desenvolvimento econômico em geral, e sobre a história econômica recente de nosso país.

A entrevista era para ser conduzida presencialmente, mas dado o isolamento social por conta da pandemia do Covid-19, a realizamos online, com nossos entrevistadores – Carlos Medeiros, Antônio Corrêa de Lacerda e Tânia Bacelar – em suas respectivas casas, estando Rosa em Paris. Em duas horas de conversa fomos nos tornando próximos da pessoa que foi Celso Furtado, através do testemunho de Rosa. Além de economista reconhecido nacional e internacionalmente, Celso se revela, nas palavras de Rosa, um ser humano desde muito cedo sensível às injustiças sociais e comprometido em transformar, através do conhecimento científico, as estruturas de poder que perpetuam as desigualdades sociais em nosso país.

Carmem Feijó
Junho, 2020

CARMEM FEIJÓ (CF): Bom-dia e obrigado a todos por aceitarem participar da entrevista com Rosa Freire d'Aguiar ao número do Cadernos do Desenvolvimento comemorativo do centenário do nascimento de Celso Furtado. Rosa é viúva e herdeira testamentária de Celso Furtado e é também responsável por dar corpo editorial e revisão acurada às obras lançadas por Furtado desde os anos 1970. Essa entrevista era para ser pessoalmente, mas dado o isolamento social por conta da pandemia do coronavírus, a realizamos on line, com nossos entrevistadores em suas respectivas casas, estando Rosa em Paris. Rosa, bem-vinda.

ROSA FREIRE D'AGUIAR (RFA): Bom-dia!

CF: Vamos começar pela reconstituição da obra de Celso Furtado.

RFA: Perfeito. Celso morreu em 2004. Herdei todos os arquivos dele e comecei a pensar logo depois, em 2005, o que fazer com eles, certa de que quando você herda esse conjunto tão rico de papéis, livros e documentos, tem uma espécie de obrigação, um dever a cumprir. Um deles era fazer essa herança chegar às gerações mais novas. Trabalho há muitos anos no mercado editorial e para mim, evidentemente, isso passava pela reedição dos livros dele. Preocupe-me com o que se chama de edição definitiva. Edição definitiva é aquela a partir da qual deverão ser feitas todas as outras no futuro. Em geral é feita ou por quem conhece bem a obra ou por quem tem os originais de cada livro. Eu me encaixava nos dois critérios. Consultei vários originais, corriji dúvidas, cotejei manuscritos e datilografados. E fiz então a edição definitiva de uns quatro ou cinco livros, pela Companhia das Letras, e outros por variadas editoras. Para cada um desses pedi um prefácio novo a quem conhecesse a obra. A nova edição de *Formação Econômica do Brasil* saiu com prefácio de Luiz Gonzaga Belluzzo, o *Economia Latino-americana*, com prefácio de Luiz Felipe de Alencastro, o *Criatividade e Dependência*, com prefácio do Alfredo Bosi. Fiz em seguida uma nova edição da *Obra autobiográfica*, juntando os três tomos¹ num só e republicuei o prefácio do Francisco Iglesias. Essa foi, digamos, uma primeira vertente em que trabalhei para a memória dos arquivos.

1. Reunião da trilogia *A fantasia organizada*, *A fantasia desfeita* e *Os ares do mundo*.

Então me dei conta de que uma obra tem textos e contextos. Havia que resgatar os contextos em que foram escritos. Foi quando apresentei o projeto ao Pedro de Souza, superintendente executivo do Centro Celso Furtado, para fazermos, com a editora Contraponto, a coleção *Arquivos Celso Furtado*. Fiz seis livros para essa coleção. O primeiro, *Ensaio sobre a Venezuela*, saiu em 2008, quando se estava descobrindo o pré-sal e havia a preocupação de que, com a abundância de divisas daí resultante, o Brasil se desindustrializasse. Ora, essa abundância de divisas sem industrialização era exatamente o que Celso estudara, em 1957, na Venezuela. O estudo que ele tinha feito, a pedido da Cepal, era uma “prévia” do que mais tarde seria chamado de doença holandesa. O número teve boa repercussão e então resolvi continuar o projeto. São volumes temáticos. O segundo foram as notas de Celso para o curso *Economia do desenvolvimento*, que ele ministrava na Sorbonne e ofereceu na PUC de São Paulo, em 1975. Depois fiz *A saga da Sudene*, quando a autarquia criada e dirigida por ele completou cinquenta anos, em 2009. Fiz em seguida *O Plano Trienal e o Ministério do Planejamento*, depois um em que reuni ensaios de Celso sobre a Cultura — Ensaio sobre a cultura e o Ministério da Cultura — e, finalmente, *Anos de Formação, 1938-1948*. Neste, reuni todas as reportagens que ele fez ao chegar ao Rio, para fazer o curso de Direito, mas logo tendo ido trabalhar na *Revista da Semana*. Quando ele estava no terceiro ano da faculdade, ingressou por concurso para o DASP (Departamento de Administração do Serviço Público) e começou a escrever sobre administração e planejamento: também estes textos estão no livro. E ainda o seu diário de guerra e trabalhos feitos quando passou dois anos na França, entre 1946 e 1948, para fazer sua tese de doutoramento em economia, na Sorbonne. Em Paris, ele escreveu muito, sobre assuntos europeus, sobre o fascismo, a economia de guerra, a situação econômica na França e na Inglaterra. Em suma, é um volume em que mostro Celso antes, digamos, de ser ele o Celso Furtado da Cepal e da vida pública. Os seis volumes dessa coleção têm, também, um longo texto meu e recortes de imprensa de época. Bem, aí cansei desse formato... Resolvi fazer outra coisa, e organizei umas coletâneas.

Em Paris, ele escreveu muito, sobre assuntos europeus, sobre o fascismo, a economia de guerra, a situação econômica na França e na Inglaterra.

A primeira foi em 2009, quando o *Formação Econômica do Brasil* fazia 50 anos. Republicuei o próprio livro, numa edição bem caprichada com capa dura de pano. Incluí os prefácios das nove edições estrangeiras, apresentações de Luiz Felipe de Alencastro e minha, e uma fortuna crítica com comentários e resenhas ao livro durante aquele meio século. São uns vinte textos, de historiadores, economistas, do Brasil e do exterior. O primeiro, feito por Nelson Werneck Sodré, em 1959, e o último, feito por Mauricio Coutinho nos anos 2000.

Depois desse, fiz o *Essencial Celso Furtado*, em 2013, uma coletânea em que reuni trabalhos fundamentais de Celso em quatro eixos: o pensamento econômico, que é sempre o mais importante; o pensamento político; as reflexões sobre ciência e cultura; e um eixo autobiográfico dele mesmo falando sobre suas próprias ideias.

Por fim, pensando neste ano de 2020 em que se comemora o centenário de Celso, concentrei-me em mais duas obras, com material inédito de seu acervo. A primeira foram seus diários — *Diários Intermitentes de Celso Furtado, 1937-2002* — que publiquei em fins de 2019 pela Companhia das Letras. Celso não foi propriamente um

Celso não foi propriamente um diarista, mas ao longo da vida recorreu a diários para registrar conversas que teve com políticos, intelectuais, economistas do Brasil e do exterior

diarista, mas ao longo da vida recorreu a diários para registrar conversas que teve com políticos, intelectuais, economistas do Brasil e do exterior, ou para escrever sobre seu estado de espírito em momentos decisivos, como na Segunda Guerra Mundial, depois nos anos passados na Cepal, depois na luta pela criação da Sudene, e, a partir dos anos 1980, como protagonista da redemocratização do país. É um material muito rico, e para mim foi fascinante poder editá-los. Este ano dediquei-me a mais um livro, com uma seleção da imensa correspondência de Celso. O livro está pronto, enviei-o à editora Companhia das Letras no primeiro dia do confinamento na França, onde estou.

CF: Para quando está previsto o lançamento da *Correspondência*?

RFA: Estava previsto para sair na semana do aniversário dele, na última semana de julho, mas a editora, como todas, está revendo a programação. O lançamento está em suspenso. Aliás, não valeria a pena lançar o livro enquanto não for possível retomar debates e apresentações nas livrarias por todo o país. Sem modéstia, até porque as cartas não são minhas, o livro está excelente. Dá de fato uma ideia do que foi o pensamento brasileiro, latino-americano, mesmo europeu e norte-americano, na segunda metade do século XX, através de cartas trocadas por grandes interlocutores, intelectuais, políticos, professores, que se corresponderam com Celso nesse meio século.

CF: E dá uma dimensão da importância dele como acadêmico, como intelectual, não?

RFA: Sem dúvida. Brinco que virei cartomante porque nestes últimos dois anos houve semanas em que li cartas o dia todo... Pensei, primeiro, em fazer uma seleção só das cartas do exílio, que somam cerca de dez mil. Depois, achamos melhor ampliar o leque com cartas do pré-exílio — as dos anos Cepal, Sudene — e do pós-exílio, como as trocadas com artistas nos anos em que ele foi ministro da Cultura. No total, havia cerca de quinze mil cartas. Li todas. Algumas com duas, três páginas. Um dos pontos altos do livro é a correspondência com Raul Prebisch, secretário-executivo da Cepal. De 1953 a 1955, quando Celso dirigiu no Rio o Grupo Misto CEPAL-BNDE, ele e Celso trocavam-se várias cartas por mês, basicamente sobre o andamento dos trabalhos mas que também registram as turbulências da vida política do país no segundo governo Vargas. Outro ponto alto é a correspondência com amigos brasileiros que estavam exilados ou auto-exilados depois do golpe militar de 1964. Destaco as cartas de Fernando Henrique Cardoso, Francisco Weffort, Helio Jaguaribe, Darcy Ribeiro, Antônio Callado, Antônio Cândido, Thiago de Mello, Cleantho de Paiva Leite. Toda essa troca de cartas ligada ao exílio é muito humana, reveladora. Fiz também um capítulo, como não podia deixar de ser, dedicado aos economistas: uns três ou quatro de Cambridge, como Nicholas Kaldor, Joan Robinson, Richard Kahn, Piero Sraffa; os cepalinos, que além de Prebisch incluem correspondência com Osvaldo Sunkel, Aníbal Pinto, Regino Botti, Juan Noyola. Há também cartas com professores dos Estados Unidos, como Albert Hirschman, Wasiili Leontieff, Charles Wagley. O que me interessou nessas cartas foi, apenas, a troca intelectual, o intercâmbio de ideias. Cartas com convites, com pedidos de toda ordem, mas em que não havia propriamente um diálogo intelectual, deixei de lado.

CF: Muito esperado e importante o seu trabalho de resgate da obra de Celso Furtado, principalmente frente ao avanço das ideias neoliberais nas últimas décadas. Assim como foi a criação do Centro Celso Furtado para difusão do estudo da obra de Celso nos cursos de economia.

RFA: Bem, uma das consequências do avanço do neoliberalismo, já me disseram, seria Celso ser pouco ou nada estudado nos cursos de economia. Não tenho nada a dizer sobre isso. Sei que há em praticamente todo curso de economia uma cadeira com o nome do livro dele, *Formação Econômica do Brasil*. E se alguém quiser estudar nossa formação econômica, é de crer que será a partir do livro homônimo de Celso — embora haja alguns êmulos feitos, depois do dele, por outros autores, que copiaram o título. Mas imagino, também, que os currículos da economia estejam cada dia mais dependentes da visão neoliberal, ou pelo menos ortodoxa, digamos. Eu penso o seguinte: Celso foi, obviamente, um grande economista, com formação sólida feita sobretudo na França e na Inglaterra, com uma atividade docente exercida nas grandes universidades da Europa e dos Estados Unidos, com uma prática da coisa pública — inclusive de ministérios — que pouquíssimos economistas têm. Mas, a meu ver, ele é muito mais do que um simples economista, vai muito além. Celso tinha um espírito multidisciplinar. Já a tese do doutorado defendida na Sorbonne tem um grande componente de história — história econômica, é verdade, pois é sobre a economia colonial brasileira nos séculos 16 e 17. Mas já é o prenúncio do que ele faria mais tarde, introduzindo a história na economia. Foi essa a essência mesma do pensamento estruturalista da Cepal, de que ele é um dos primeiros teóricos. Depois, nos anos 1960-70, quando ele estava no exílio, nota-se em sua produção que era como se a economia fosse uma moldura muito estreita para o que ele queria pensar. Precisava alargá-la. Três livros dos anos 1970 mostram bem esse diálogo entre várias disciplinas. O primeiro é o *Mito do desenvolvimento econômico*, de 1974, o segundo é o *Prefácio a Nova Economia Política*, de 1976, o terceiro é o *Criatividade e dependência na civilização industrial*, de 1978. Nesses 3 títulos, há como que um trânsito interdisciplinar em que Celso cruza as

Era como se a economia fosse uma moldura muito estreita para o que ele queria pensar.

fronteiras da história, da filosofia, das ciências sociais em geral, da antropologia, da cultura, e até da mitologia.

CARLOS MEDEIROS (CM): Os anos 1970 do Furtado me parecem particularmente interessantes quando ele assume uma discussão muito profunda sobre a questão das empresas multinacionais e o impacto que têm nas economias dos países periféricos, de certa maneira construindo, aí, um subsistema de decisões que escapam ao controle nacional. Esse é um aspecto que me parece extraordinário no Furtado e que depois vai se perdendo, digamos, não no trabalho do Furtado, mas na formulação dos economistas em geral. E reputo isso como um dos elementos mais importantes para discutir questões contemporâneas. De certa maneira, até acho que Furtado é um dos precursores da análise de cadeias de valores. Particularmente, fiquei muito interessado com o livro dele *Criatividade e dependência na civilização industrial*. Ali, acho que ele entrou num plano que depois só vi observado em uns poucos economistas. Também acho que a influência de Stephen Hymer foi muito importante, desde que se conheceram em Yale. Pergunto se nessa correspondência havia alguma coisa com Stephen Hymer.

RFA: Um dos artigos importantes desse momento é *O capitalismo pós-nacional*, que trata das empresas transnacionais. Há ao menos uma carta com Stephen Hymer, mas não de troca de ideias. Sobre o capitalismo pós-nacional, de fato, foi para Celso um dos temas importantes dos anos 1970. Outro em que ele pôs o dedo — talvez um dos primeiros a destacar esse problema — foi a dimensão ambiental do desenvolvimento. É o que se pode ver no *Mito*. Ele ficou muito impressionado com o relatório do Clube de Roma, que tinha saído um pouco antes, e ele não foi o único. O relatório mostrava o custo ecológico do desenvolvimento, se estendido a toda a humanidade com base no que era “praticado” nos países ocidentais. Celso estudou isso a fundo, e daí, talvez, ter dado ao seu artigo o nome de *Mito do desenvolvimento*. Para quem, como ele, teorizara e defendera sempre um projeto de desenvolvimento, admitir que seria um *mito*... Não sou economista nem especialista da obra de Celso. Li-a praticamente toda, al-

Ele ficou muito impressionado com o relatório do Clube de Roma

guns livros e/ou trechos a quatro mãos, digamos: eu lendo e o interrogando a respeito, para esclarecer certos pontos, certas formulações que para mim eram mais difíceis (muitas continuam sendo...). Disso, o que me impressiona é a amplidão do cabedal de reflexões sobre o desenvolvimento, às quais ele vai incorporando mais e mais dimensões ao longo da vida. Nos primeiros trabalhos ele menciona em geral “desenvolvimento econômico”. Isso é visível nas cartas, é sempre o econômico ao lado de desenvolvimento. Depois, o qualificativo desaparece, ou de tal forma já está incorporado no conceito que não precisa explicitá-lo. Desenvolvimento: *ça va sans dire* que econômico. Quando ele vai para a Sudene, aparece constantemente o qualificativo “social”: desenvolvimento econômico-social. Mais adiante, ele incorpora o prisma ambiental. Depois, a dimensão cultural do desenvolvimento, como bem demonstrou, em estudo sobre a obra de Celso, o economista uruguaio Octavio Rodriguez. Às vésperas de morrer, Celso fez um depoimento curto para a UNCTAD, que foi lido na 11ª Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (Unctad XI), em São Paulo em 2004, em que ele dá uma dimensão global do desenvolvimento, o que vem lá de trás e reúne o econômico, o social, o ambiental, o cultural. Durante sessenta anos, ele incorporou as várias dimensões do conhecimento que poderiam ajudá-lo a melhor captar a própria noção do desenvolvimento — e do subdesenvolvimento, como ele preferia dizer. E, certamente, o que o Carlos Medeiros fala sobre o capitalismo transnacional também se inclui nisso.

ANTONIO CORREA DE LACERDA (ACL): Bom ouvir você falar sobre o Celso. A pergunta que vou fazer é a seguinte. A dimensão econômica da empresa transnacional, o debate sobre desindustrialização, são temas, como você bem apontou, contemporâneos. Mas que já nas obras de Celso estavam muito presentes. E um aspecto do desenvolvimento que ele criticava muito era o que ele chamava de mimetização dos padrões de consumo praticados nos países avançados, e que se reproduziam nos países periféricos, como o Brasil. Na verdade, os subdesenvolvidos imitavam mas não tinham a tecnologia adequada. Na prática, ficávamos subordinados às empresas transnacionais, virávamos produtores de commodities, como de fato ocorreu mais intensamente no século XXI. Sobre essa dimensão cultural, me chama muito atenção que, quando convidado, nos anos 1980, pelo presidente José Sarney a integrar o ministério, Furtado, para a surpresa de alguns, foi para o Ministério da Cultura. E não da Economia ou do Planejamento. Certamente, isso tem a ver com o que

Ninguém, a começar por ele mesmo, jamais acreditou que Celso fosse fazer parte da plêiade econômica de Tancredo.

estamos falando. Celso, na sua evolução, percebeu que o problema central era, talvez, mais do que econômico, cultural. Porque se precisava criar uma visão de desenvolvimento brasileira, que agregasse as várias experiências, que não necessariamente era a experiência asiática, não necessariamente eram as experiências dos países centrais. Mas que respondesse às nossas dificuldades estruturais, que ele tão bem apontava desde o seu *Formação econômica do Brasil*, e que ele retoma no *Mito do desenvolvimento*, e em *Desenvolvimento e subdesenvolvimento* etc. Gostaria de ouvir um pouco sobre essa trajetória do retorno dele ao Brasil como ministro da Cultura.

RFA: Ninguém, a começar por ele mesmo, jamais acreditou que Celso fosse fazer parte da plêiade econômica de Tancredo. Recapitulando: Tancredo Neves é eleito, por eleição indireta, em janeiro de 1985. Então, monta a COPAG (Comissão para o Programa de Ação do Governo), para a qual chamou Celso, Hélio Beltrão, José Serra etc. Pelos diários de Celso, que agora publiquei, fica claro que já na COPAG havia gente bem chegada a Tancredo e a Francisco Dornelles que barraria a indicação de Celso para um futuro ministério na área econômica, como nome indicado pelo PMDB. Vivíamos a crise da dívida, Celso era favorável a uma ampla negociação com os credores, não excluía o recurso à moratória, a qual defendia em artigos e entrevistas para jornais como o *The New York Times* e o *Le Monde*. Você pode imaginar que ele não era propriamente uma pessoa amada pelos banqueiros. Então, Tancredo, espertamente, fez algo bem “Tancredo”: indicou o nome de Celso para chefiar a missão do Brasil junto à Comunidade Econômica Europeia, na Bélgica: Celso ficaria no governo Tancredo, mas como embaixador, mantendo o compromisso de reserva, de não “criticar” o governo... e a doze mil quilômetros de Brasília. Acho que a indicação foi uma forma de afastar Celso da área econômica do governo. Dito isso, Celso aceitaria ser ministro da Fazenda? Não sei. Seria bom para o país? Não sei. Até porque gente ligada aos banqueiros não parava de intrigar durante essa fase da COPAG: saíam notinhas em jornal, declarações de que com Celso no ministério o Brasil viria abaixo, íamos até pas-

A ideia de que a economia é uma ciência social, e não uma ciência exata, e que exige a interdisciplinaridade.

sar fome por falta de produtos importados... pois ele ia pedir a moratória... Os *Diários* mostram muito os bastidores de tudo isso. Bem, estávamos em Bruxelas, Tancredo tinha falecido, Dornelles não era mais ministro, e vem o convite para o Ministério da Cultura. Foi uma surpresa relativa. Celso tinha muito arraigada a noção da *res publica*. A vida inteira, sentiu-se um servidor público, nunca trabalhou na iniciativa privada. Para o servidor público, você está num cargo, o presidente o chama para outro, você tem que ir. Assim foi. O Ministério foi criado em 1985, José Aparecido de Oliveira o assume, em março, e pouco tempo depois Sarney o chama para ser governador de Brasília, que na época ainda era nomeado. Entra no Ministério o professor Aluísio Pimenta que fica mais uns meses. Mas já quando estávamos de partida para Bruxelas, em meados de 1985, houve um movimento no Rio de Janeiro para fazer Fernanda Montenegro ministra da Cultura. Fernanda não aceitou e então encaminharam a Sarney o nome de Celso: um abaixo-assinado de cerca de 170 nomes da área da cultura pedindo para o Celso ser o ministro. Ele não aceitou porque já estava comprometido com a embaixada em Bruxelas, mas claro que não falou isso para a Fernanda nem para ninguém. Lembro-me de que, em maio de 1985, eu tinha ido cobrir o Festival de Cannes para a *IstoÉ*, da qual era correspondente. No final do festival, era de praxe os brasileiros presentes passarem uns dias em Paris. Naquele ano, a Fernanda Torres tinha recebido um prêmio em Cannes. Num jantar no La Coupole, dias depois, encontrei mãe e filha, Nelson Pereira dos Santos, entre outros, e veio a pergunta: “Rosa, estou ouvindo dizer que o Celso vai ser o ministro da Cultura”. Eu me faço de desentendida: “Ah, não sabia!”. Um ano depois veio o convite de Sarney: então, voltamos para o Brasil. Celso não era um estranho no ninho. Não era recente a sua reflexão sobre a cultura, já presente, por exemplo, em *Criatividade e dependência*. Esse livro é um divisor de águas, dali em diante ele só fez insistir e aprofundar a ideia de que a economia é uma ciência social, e não uma ciência exata, e que exige a interdisciplinaridade. Ainda antes de ser ministro, em 1984 ele publicou *Cultura e desenvolvimento em época de crise*, em que reúne mais reflexões sobre a cultura. Eu diria

que nesses anos imediatamente anteriores e posteriores ao Ministério da Cultura, houve uma evolução em seu conceito sobre a cultura: se antes ele dizia que todo projeto de desenvolvimento deve levar em conta a dimensão da cultura, ao sair do Ministério escreveria (cito de memória): “todo projeto de desenvolvimento parte da cultura”. Ou seja, a cultura deixa de ser uma parte para ser o todo: é da cultura que nasce um projeto de desenvolvimento, um projeto de nação.

CF: É bem interessante seu depoimento sobre essa percepção do Celso. Você diria que ele era uma pessoa otimista em relação ao futuro do Brasil, da América Latina? Porque a cultura passa por se reconhecerem os talentos, fortalecer as identidades nacionais.

RFA: Eu não diria otimista. Também não diria pessimista. Ele me parecia muito realista. Acho que houve dois momentos em que se esforçou para mudar alguma coisa no país. Celso tinha a visão de que a história é feita pelos homens e pelas mulheres. São os atores da história, agem em consequência de um projeto e vão moldando e mudando a história. Ele quis ser um desses moldadores. Pouco depois de voltar ao Brasil, em 1958, encontrou Juscelino Kubitschek. Nunca tinham se visto. Celso era diretor do BNDE e Juscelino lhe propôs fazer algo pelo Nordeste. Era tudo o que ele queria, pois só aceitara o BNDE se fosse para ter uma diretoria que pensasse o Nordeste. E o encontro com JK foi o ponto de partida para um desses momentos em que Celso foi ator da história. Poderia não ter sido assim. Em sua correspondência há uma troca de cartas entre ele e Roberto Campos: este lhe comunica que tinham tentado achá-lo em Cambridge para transmitir o convite de JK, que queria Celso para presidir a Sumoc — a Superintendência da Moeda e do Crédito, na época o nosso “banco central”. Campos não encontrou Celso em casa. E comenta na carta: “Puxa, que pena, Juscelino queria resolver rapidamente o assunto, e como você não estava em casa...”. E Celso

responde: “Eu sabia que tinha santo forte, mas igual a esse, realmente, não imaginei! Deu me livre de pegar a Sumoc!”. E então veio o convite para o BNDE. E o encontro com JK, e a oportunidade de fazer um projeto de desenvolvimento econômico para o Nordeste. JK lhe deu carta branca, e Celso teve a certe-

Todo projeto de desenvolvimento parte da cultura

za de que a Sudene poderia mudar o Nordeste. A Sudene foi uma coisa única, pois criou uma instância de poder regional que não estava prevista na Constituição brasileira. O Conselho Deliberativo, reunindo todos os governadores da região, tomava decisões em conjunto, como região, as quais eram levadas ao presidente da República. Celso tinha status de ministro e despachava direto com o presidente. A batalha foi muito dura, mas acho que ali ele pensou que poderia promover mudanças importantes no Nordeste e sentiu o sopro do otimismo. Não deu tempo, pois cinco anos depois o golpe militar o despacha para o exílio e a Sudene passa a ser apenas uma repartição dentro de um ministério.

Quase vinte anos depois, o outro momento em que pensou que poderia agir para ajudar o país a voltar aos trilhos foi na redemocratização, depois da anistia, a partir de 1981, 1982. São anos de grande envolvimento dele na vida pública e política. Começa a fazer viagens mais longas ao Brasil, onde passa temporadas mais extensas. Entra para um partido pela primeira e única vez: o PMDB presidido por Ulysses Guimarães. Enfronha-se na vida partidária. Mas jamais quis ser um político, um deputado, um senador. Em 1982 um grupo de paraibanos quis fazê-lo governador, mas a coisa não andou, evidentemente, pois outros grupos locais não acharam a menor graça em acolher um exilado que estava longe há tantos anos e, de repente, vinha atrapalhar os planos de quem passara todos aqueles anos no Brasil. Celso desistiu e nunca mais pensou no assunto.

Nesses dois momentos — a luta pela Sudene e pela redemocratização — penso que ele imaginou que o Brasil poderia tomar um rumo mais acertado, mais social. O que mais incomodou Celso a vida toda foram a gritante desigualdade, as inadmissíveis disparidades do Brasil. No entender dele, o problema só ia se agravando no correr do tempo. Isso, sim, o deixava pessimista. Ao mesmo tempo, é difícil não ser otimista olhando o tamanho e as potencialidades do país. Mas Celso não tinha nenhum otimismo ingênuo, ao contrário sempre foi de profunda lucidez.

Nesses dois momentos – a luta pela Sudene e pela redemocratização – penso que ele imaginou que o Brasil poderia tomar um rumo mais acertado, mais social.

TANIA BACELAR (TB): Apareceu muito forte na sua fala essa visão multidimensional do desenvolvimento. Outro traço é que ele não era um pensador puro, digamos assim... não era o acadêmico. Era um agente público, que estudava mais para intervir. Procurava entender, mas o objetivo não era entender por si, e sim entender para intervir. Minha pergunta é sobre educação. Celso hoje recebe uma crítica de que nunca valorizou a educação, de que não priorizava o investimento em educação. Como recebe essa crítica? E na produção, na vida dele, onde é que você buscaria elementos para contestar isso?

RFA: Eu já ouvi essa crítica algumas vezes. Acho-a infundada, por várias razões, para não dizer anacrônica. Alguém julgar o que Celso fez há 50 anos na Sudene com os parâmetros de hoje, quando todo mundo pensa em educação, é erro de cronologia, como se diz. O segundo ponto, bem claro, é que a Sudene não nasceu para cuidar de educação primária e secundária, como argumentam os críticos. Quem cuidava da educação eram os estados, os municípios. Quanto à universitária, havia grandes nomes no Brasil pensando-a. Já nem falo de Anísio Teixeira e de Paulo Freire, que pensavam na educação como um todo. Mas enquanto Celso estava à frente da Sudene, Darcy Ribeiro aconselhava Juscelino a planejar uma universidade para Brasília. Não havia por que a Sudene se intrometer especificamente na educação. Há quem alegue: “Ah, se Celso tivesse pensado a educação, o Brasil seria diferente”. Quer dizer, você “individualiza” o problema, joga em cima de *uma* pessoa, um economista, diga-se, e que sequer foi ministro da Educação, a razão de um “fracasso” multicausal. Pergun-

É difícil não ser
otimista
olhando o
tamanho e as
potencialidades
do país.

to-me se as obras de outros economistas da época têm grandes planos para a educação de base. Não faz muito, li o I Plano Diretor da Sudene, e depois uma espécie de relatório anual dos resultados. Pois bem: em termos de formação de pessoal, capacitação, a Sudene fez um trabalho absolutamente fantástico. Como raras vezes terá havido no Nordeste, e mesmo em outras partes. Convém lembrar que quando Celso chega à Sudene, havia meia-dúzia de geólogos no Piauí, por exemplo. Era preciso formar gente, fabricar quadros. Isso a Sudene fez, foram dezenas de bolsistas que ali se formaram, tendo

curso com a nata dos economistas da Cepal, que Celso levou para lá. Agora, querer criticá-lo porque a Sudene não cuidou de alfabetização...

TB: Eu concordo com você de que a educação básica não era atribuição da Sudene. E sim de estados e municípios, e até hoje a União é que tem uma responsabilidade central no ensino superior. Mas foi esta a tônica da Sudene. Eu mesma entrei na Sudene numa pesquisa sobre a concessão de bolsas de estudos para o pessoal se formar: agrônomos, geólogos etc. A Sudene era a Capes da época para a graduação. E fui auxiliar de pesquisa e ia à casa das pessoas que se candidatavam a uma bolsa para estudar nas universidades que tinham esses cursos considerados estratégicos para o desenvolvimento. Havia também uma divisão de educação na Sudene, com um programa estratégico voltado para a educação básica, e que formava e estruturava as secretarias de educação.

RFA: Eu nem sabia.

TB: Chamava-se de investimento estruturante, que você não faz mas ajuda quem faz a fazer bem, a fazer diferente. Eu mesma dei aulas num curso de planejamento educacional para funcionários da área de planejamento educacional dos estados e municípios.

RFA: Celso conta nas memórias como era difícil formar gente no Nordeste, ainda nos anos 1950. Claro que as chamadas classes dirigentes iam fazer faculdade. Mas muitos acabavam indo para o Sul. A ideia de Celso era formar gente que ficasse no Nordeste, fixá-los na região. O Nordeste era duplamente prejudicado: tinha formação deficiente, e sofria dessa migração de cérebros. Nesse ponto, acho que a Sudene foi muito bem-sucedida. No primeiro balanço anual do I Plano Diretor, são cerca de 750 pessoas que

Era difícil formar gente no Nordeste, ainda nos anos 1950.

estão fazendo os cursos de agronomia, geologia, técnica de projetos, desenvolvimento etc. Daí essas críticas serem infundadas. Mas não serão as primeiras nem as últimas.

TB: Concordo. Não só infundadas, como mal-intencionadas.

CM: Eu gostaria que você retomasse um pouco as origens do pensamento do Furtado. Há um certo consenso de que a conexão com Cambridge e, particularmente, com a Joan Robinson, foi muito importante nessa troca, na ideia de acumulação de capital. E, também, a sociologia do Mannheim. Essa conexão estaria, talvez, na inauguração de *Formação econômica do Brasil*. Você tem alguma pista nessa direção?

RFA: Não tenho, Carlos. Quando Celso vai para Cambridge em 1957-58, na verdade, foi para fazer estudos com Nicholas Kaldor. É ele a figura central, foi quem facilitou a ida de Celso para o King's College, ajudou-o nos trâmites. Vê-se isso nas cartas dos dois. Há uma em que Kaldor fala de um trabalho que está fazendo, sobre a criação de uma nova moeda mundial para tentar estabilizar os preços das matérias-primas. Com Joan Robinson, certamente conversavam muito. Celso foi a vários seminários dela, e numa carta ao Kaldor, quando ainda morava em Santiago, refere-se ao *Accumulation of capital*, de mrs. Robinson, dizendo que é uma brilhante ponte entre o keynesianismo ortodoxo e uma teoria do desenvolvimento. Mas as cartas trocadas com ela propriamente não falam disso, são mais sobre uma possível viagem dela ao Brasil, não há troca de ideias. Celso vai para Cambridge em ano sabático e licença sem vencimentos, quando já estava há muitos anos na Cepal, dirigindo a Divisão de Desenvolvimento. Há uma carta a ele, de Wassily Leontief, sugerindo que pedisse uma bolsa à Rockefeller Foundation ou à Fundação Ford. Celso pede, e consegue, à Rockefeller. Nos relatórios, tanto para se candidatar à bolsa como no final da temporada, há muitas referências aos trabalhos que fez com Kaldor. Na verdade, pelas cartas percebe-se que ele — e também Amartya Sen, que lá estava, acho que no Trinity — tinha encontros frequentes com o grupo de Cambridge: Kaldor, Robinson, Sraffa, Richard Kahn, Luigi Spaventa. Com Sen, também fez amizade, inclusive assistiram na casa dele (foi Sen que me contou depois da morte de Celso) aos jogos da Copa de 58. Sen dizia que ele e outros amigos torciam pelo Brasil, e Celso parecia um inglês, contido, só vibrava um pouco na hora do gol do Brasil.

CF: Há muita correspondência com os latino-americanos? Você já mencionou que o ponto alto é a troca com Prebisch. E os mexicanos, por exemplo?

RFA: Fiz um capítulo para os latino-americanos. É muito bonita a correspondência de Celso com os ex-colegas da Cepal, Osvaldo Sunkel, Aníbal Pinto, Regino Botti, Juan Noyola. Na época do exílio, há também a correspondência do chamado Clube Bianchi. Essa foi uma ideia deles que nasceu em 1965, quando houve um grande colóquio internacional em Londres sobre os obstáculos políticos da América Latina. Lá estavam Celso, Fernando Henrique, Helio Jaguaribe, Aníbal Pinto, o colombiano Orlando Fals Borda, Jacques Chonchol, que tinha sido ministro da Reforma Agrária de Allende. Dão-se conta de que estão trabalhando mais ou menos nos mesmos assuntos, mas cada um em seu canto. Então, resolvem formar o que, hoje, seria um grupo no google, ou até no whatsapp: uma pequena rede de troca de mensagens. O nome Bianchi era o da pizzaria em Londres onde nasceu o clube. Combinam de se escrever mensalmente contando o que cada um está fazendo e comentando o trabalho dos outros. Essas cartas são fascinantes, porque

Combinam de se
escrever
mensalmente
contando o que
cada um está
fazendo e
comentando o
trabalho dos
outros. Essas
cartas são
fascinantes.

eles falam com muita franqueza, criticam os trabalhos dos amigos com muita sinceridade, o que acham certo e errado. Há uma autêntica troca de ideias. Enviavam a carta para uma espécie de secretariado, em Londres ou em Santiago. Lá, as cartas eram fotocopiadas e reenviadas para cada um dos dez, doze membros do clube. Mandar as cartas para Londres era ainda mais seguro. Pois a partir de 1967 começa a ter censura postal no Brasil, não dava para confiar plenamente nos correios. Mas no de Sua Majestade todos confiavam. Também combinaram publicar numa só revista seus artigos, e escolheram *Desarrollo económico*, de Buenos Aires. Essa é uma parte muito bonita da correspondência.

Tem outra, da mesma época, que é triste. São as cartas de exílio. Em 1964, muitos saíram do Brasil, alguns tendo que pedir asilo nas embaixadas. Um deles foi Álvaro Vieira Pinto, filósofo do ISEB. Foi para a Iugoslávia. De lá, escreve uma carta algo pungente. Conta que é bem tratado pelo governo do ma-

rechal Tito, está num bom hotel, mas em Belgrado vai fazer o quê? Pergunta a Celso se teria alguma sugestão. Celso consegue, no Chile, um posto para Vieira Pinto. Nesta e noutras cartas sente-se uma solidariedade de exílio muito forte. Em todos os seus momentos: houve a leva de 1964, depois o exílio se desdobra no de 1968, quando o AI-5 fabricou outros exilados, como o físico José Leite Lopes e o economista Pedro Calil Padis; depois, vem 1973, quando o golpe no Chile forma outra leva de brasileiros tendo de recomeçar outro exílio, como José Serra, Thiago de Mello. Thiago vai para Buenos Aires, sem lenço e sem documento, como diz. Lá, recomeçou do zero. Numa carta a Celso, pede ajuda financeira. Celso envia, mas a remessa internacional demorava uns quinze dias para chegar. Quando chegou, Thiago já não precisava mais do dinheiro, deu a outra pessoa mais necessitada. É comovente perceber esse compromisso em ajudar o outro. Em suma, o livro das cartas está muito bom, e penso que também vai colocar certas coisas em seu devido lugar, desfazer alguns malentendidos que aqui e acolá surgem em textos de pesquisadores da vida de Celso.

É comovente
perceber esse
compromisso
em ajudar o
outro

TB: Trago a conversa um pouco para hoje. Acho que a gente vive no Brasil um momento a que estou chamando de violência explícita. Estamos com dificuldade de lidar com esse clima. E Celso viveu dois momentos de violência explícita muito fortes. Primeiro, a experiência como pracinha, envolvido na guerra real, depois com o exílio, que na minha visão também é um momento de violência explícita, principalmente para alguém como ele que queria interpretar, intervir no país. Tão longe do país é como se cortasse a seiva dessa árvore. Ele é uma das pessoas que eu vejo assim, alguém que conviveu com uma violência explícita. Como lidou com isso? É um aspecto que poderia ajudar, a nós brasileiros do presente, a conviver com essa violência à beira do fascismo.

RFA: A primeira violência social, digamos, que ele viveu, creio que foi no sertão. Ele fala disso num texto sobre a infância em Pombal. Ali no semiárido há muita seca, tudo esturricado, mas de repente vem uma chuva violentíssima. Ele lembra aqueles dias de tempestade em que está dentro de casa, debaixo das cobertas, e fica pensando nos amigos pobres, com quem jogava bola, dormindo na rua, naquela chuva. E diz que

teve, ali, a noção — embora em cabeça de criança — da desigualdade social. E convém lembrar que Celso ainda pegou o cangaço. O pai, duas vezes, saiu com ele para protegê-lo, porque corria a notícia de que o cangaço estava chegando. Isso o marcou. Era a forma de se fazer política, pela violência, pelo desrespeito aos outros. A figura do cangaceiro, é claro, depois se reproduz na figura do coronel, do chefe político, ainda que de forma mais “civilizada”. Acho que a descoberta da violência vem da infância.

Na guerra, ele sentiu muito a presença do fascismo deteriorando a sociedade, esgarçando as noções de convivência, solidariedade. Celso foi do último contingente da Força Expedicionária Brasileira, que foi para a guerra no final de 1944; portanto, a Itália já estava há mais de 20 anos no fascismo, e eram tempos de guerra. Ele conta uma história que se passou assim que chegou a Nápoles. Ele não fumava, mas tinha alguém do lado dele com uma guimba. Estavam num caminhão aberto, eles em pé, e vem uma garotinha de sete ou oito anos e pede a guimba para o brasileiro ao lado de Celso. O brasileiro não entende bem, achando que não é possível que a criança estivesse pedindo um pedacinho de cigarro, mas era. E Celso traduz o pedido da criança, e o soldado lança aquela guimba e então aparece um monte de crianças. Elas iam juntando as guimbas que tinham um pouco de fumo dentro, para fazer um cigarrinho e vender no mercado negro. Celso fica pensando em até onde chega a degradação da condição humana quando você precisa comer, viver. Creio que na guerra ele teve muitas vezes esse choque com a violência, com o fascismo que deixava uma sociedade desfeita, despedaçada. A violência da própria guerra também é chocante. Mas Celso foi como aspirante a oficial e, como já falava inglês bastante bem, ficou de oficial de ligação com o Quinto Exército americano que era o guarda-chuva do brasileiro.

Tem uma outra experiência que o marcou muito, como conta nos *Diários intermitentes*. Foi quando houve o rompimento da barragem de Orós.² Celso vai para lá. Acompanha toda a tragédia e sai para ver as cidades em torno. Já

A presença do fascismo deteriorando a sociedade, esgarçando as noções de convivência, solidariedade.

2. O rompimento, devido a chuvas intensas por vários dias, ocorreu pouco antes da inauguração da barragem, na madrugada de 26 de março de 1960. Desabrigou cerca de 100 mil pessoas e provocou enormes danos na economia da região.

havia milhares de desabrigados. Entra numa casa de gente muito pobre, o dono comenta que seria bom ter uma ajuda e faz alguma referência às Ligas Camponesas. Aí vem um político da cidadezinha e diz: “Não, isso aí é um monte de comunista!” Celso fica indignado: “O senhor não entendeu nada! O pobre coitado está com fome, está

Ele nunca entendeu a cassação de direitos com que foi punido.

querendo comida, o mínimo de sustento para a família. Não tem nada de comunismo”. As situações em que ele sofreu muito com a violência têm a ver, penso, mais com a violência social, com a degradação das pessoas por desumanidade do outro. Lá pelos anos 1998, 2000, quando avançavam a globalização e o fluxo de imigração, começaram a aparecer muitos mendigos em Paris, dormindo na rua. Celso não parava de comentar, a cada um com quem topávamos. Ele ficava profundamente incomodado que numa sociedade rica houvesse a violência da pobreza explícita. E no Brasil era o mesmo, a gente saía por Copacabana, pela Zona Sul, pelo centro do Rio... E aquela quantidade de mendigo na rua. Ele ficava muito tocado, sem saber muito o que fazer.

Agora, em relação ao exílio... Exílio é muito duro, é difícil. Acho que ele nunca entendeu a cassação de direitos com que foi punido. Sentia-se alguém que, chamado por JK a fazer algo pelo Nordeste, estava dando o melhor de si para um projeto que não era ligado a nenhum partido. Tanto assim que trabalhou com três presidentes de partidos distintos, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart. Ali, no golpe de 1964, houve uma sensação de fracasso. Ele fala disso nos *Diários intermitentes*: “a nossa geração fracassou, não conseguiu fazer aquilo a que se propunha”. Houve uma geração que saiu com ele, Waldir Pires, Josué de Castro, que já estava aqui na França, Miguel Arraes, Darcy Ribeiro, Leonel Brizola... todos interromperam planos no país, pelo país. No exílio, havia que recomeçar a vida, digerir o que se passou, depois deixar o passado de lado e começar outro projeto. Celso, por exemplo, nunca tinha sido professor. Por sorte, gostou da nova profissão e foi excelente professor. Mas podia não ter se adaptado. O fato é que os anos do exílio calaram fundo nele. Mais ainda porque, permanentemente, pensou o Brasil. Desde as aulas de desenvolvimento latino-americano, o que passava pelo Brasil, até os doze livros que escreveu no exílio, o Brasil estava sempre presente. E não é fácil você pensar e refletir sobre a ex-pátria que continua, porém, a ser a sua pátria. Exílio não é para qualquer um. Espero que no Brasil de hoje isso não recomece.

CF: Uma diáspora. Rosa, o seu trabalho como editora foi e é fantástico. Reunir a quantidade de material que você reuniu de uma pessoa morando em tantos lugares, deve ter sido especialmente difícil e trabalhoso. Como conseguiu? Celso teve preocupação de guardar, de preservar?

RFA: Não muito. As cartas, sim, estão reunidas. As do exílio, em Paris. Mas nesses arquivos guardados há sempre o peso das circunstâncias. Exatamente porque Celso morou muitos anos fora do Brasil é que, paradoxalmente, se preservaram seus arquivos. Ele foi para o Rio de Janeiro aos 19 anos. Em 1946, vai para a França fazer a tese; volta em 1948, fica cinco ou seis meses no Brasil; vai para a CEPAL, no Chile, onde fica até 1957; depois de um desvio por Cambridge, volta para o Brasil, em 1958. Em 1964, parte para o exílio, de onde só retorna vinte e um anos depois. A papelada “brasileira” desses anos foi ficando na casa dos pais, exatamente porque ele estava fora. Os pais se mudaram várias vezes, mas não mexiam nas “coisas de Celso”, que a cada vez iam, assim, andando de endereço a endereço. Quando chegamos ao Brasil de volta, recebemos boa parte dessas “coisas”. Outras já tinham sido enviadas para um pequeno apartamento que Celso comprou antes do exílio e só foi conhecer anos depois. Havia lembranças da Segunda Guerra, cartas enviadas por ele aos parentes, todo seu arquivo pessoal da Sudene, do Ministério do Planejamento etc. Quando saímos de Brasília, trouxemos a papelada pessoal dos anos em que ele foi ministro da Cultura. Em 2019, doei os arquivos de Celso ao Instituto de Estudos Brasileiros da USP. E também a biblioteca, que ficou por muitos anos no Centro Celso Furtado. Pelo que sei, no IEB ainda está tudo encaixotado, esperando sem dúvida o retorno dos tempos normais, depois da pandemia que assolou a todos.

CF: Rosa, nós lhe agradecemos.

RFA: Muito obrigada! Obrigada, Carmem, Tânia, Carlos, Lacerda.